

"BION??? POR QUÊ? PORQUE É MODERNO."

Marly Goulart

Setembro/95

■ ... eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada e tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido. De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca o meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu esqueça o que sou e qual o meu lugar..."

Essa fala do herói Saint-Preux, em *Julie*, ou *La Nouvelle Héloïse*, escrita por Jean Jacques Rousseau, em 1761, nos soa muitíssimo atual.

Sem tanta beleza, a mesma idéia poderia estar sendo ouvida por um de nós – analistas – no exercício do nosso ofício; ou mesmo pensada, por exemplo, diante da imensa quantidade de leituras e encontros psicanalíticos, que nos vemos obrigados a escolher.

Para Berman (1), tanto o herói de Rousseau, como nosso paciente fictício ou nós mesmos compartilhamos um tipo de experiência vital de tempo e espaço, de si e dos outros, das possibilidades e perigos da vida chamada "modernidade". "... Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – ao mesmo tempo que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos."

A modernidade, que perdura pelos últimos cinco séculos, une a espécie humana. Sua experiência anula as fronteiras geográficas e raciais, de ideologia e religião, de classe e nacionalidade. Porém, é uma unidade paradoxal: nos coloca num turbilhão de angústia e ambigüidade, de mudança e desintegração, de contradição e luta.

No final do século XIX, num ambiente científico-cultural efervescente, nasceu a Psicanálise. Freud ousou individualizar-se.

1. BERMAN,
M. Tudo que
é sólido
desmancha no
ar – A
aventura da
modernidade.
Cia. das
Letras, 1982.

2. FREUD, S.
Contribuição;
citado por
Roustang, F.
*Um destino tão
funesto.*

3. FAVRET, S.
Desculpa eu só
estava
passando em:
*Almanaque -
Cadernos de
Literatura e
Ensaio -
Psicanálise em
Questão; Vol.
12. Brasiliense,
1977.*

4.
ROUSTANG,
F. *Um destino tão
funesto.* Livraria
Taurus, 1976.

Sua astúcia, assim como sua capacidade de liderança, permitiram que a genialidade do seu pensamento conseguisse se impor. Ele redefiniu o conceito de sexualidade e catalisou uma revolução a respeito da compreensão do homem e de seu funcionamento mental.

Já com relação à Associação Psicanalítica, responsável pela propagação da "doutrina", o próprio Freud confessa seu fracasso. A propósito do primeiro círculo vienense diz: "... Eu não consegui fazer reinar entre os seus membros esta concórdia amistosa que deve existir entre os homens se consagrando ao mesmo trabalho, duro e penoso", e mais adiante: "... Certamente não estou ensinando nada às pessoas informadas, dizendo que perturbações e mal-entendidos análogos igualmente se produzem em outros movimentos científicos..."(2).

Após um século de Psicanálise, poderíamos dizer que o pensamento psicanalítico progrediu muitíssimo. Até arriscamos defender o ponto de vista de que a Psicanálise saiu da infância e está em plena adolescência: diversas tendências, muitas vezes divergentes, convivem num clima de franca excitação e conflito.

Nas instituições psicanalíticas, a produção científica sobrevive e floresce apesar da "máquina de moer carne", expressão empregada por Favret-Saada em seu artigo "Desculpa, eu só estava passando".(3)

Freud, Klein, Lacan, Bion, Winnicott ou Ferenczi? A arte ou a ciência como modelo? Psicoterapia de base analítica ou análise? Qual a atual conceituação para "neutralidade" e "cura"? Se quisermos nos apegar à noção de verdade única, as questões do referencial teórico e da prática analítica constituem dilemas insolúveis. Cabe a cada um de nós, analistas, encontrar a sua resposta; às vezes até uma resposta diferente para cada situação.

O momento é extremamente rico de possibilidades, no entanto contém alguns riscos. Um deles é que com a multiplicação das escolas psicanalíticas, há uma tendência ao fechamento em linguagens confidenciais e, conseqüentemente, uma diminuição da comunicação entre pessoas que, afinal de contas, pesquisam o mesmo fenômeno. Outra ameaça é a tendência a lidar com a Psicanálise como um sistema acabado e fechado e subverter tanto o trabalho de observação constante, como a possibilidade de o analista pensar por conta própria.

Vários autores como Roustang(4) e Grinberg(5) têm se preocupado em pensar exaustivamente essas e outras questões do "bando psicanalítico", numa tentativa de alertar as associações de seus males.

Diante de tantas incertezas e perigos, por que é que nós, analistas, continuamos?

Algumas idéias de Junqueira(6), respondem bem essa questão. Sobre a Psicanálise, diz ele: "É um instrumento perigoso: pode retirar vida com a mesma sem-cerimônia que pode insuflá-la... os efeitos... são apreendidos com muita dificuldade, não permitindo qualquer correlação confiável entre causa e efeito". E ainda: "... o que surpreende... é constatar que muitas situações difíceis parecem sobreviver com vigor em função da existência de uma espécie de lençol freático de verdade subjacente ao terreno percorrido pela dupla analítica. Quando menos se espera, este fluido benfazejo se infiltra nos interstícios da estrutura mental fazendo vicejar brotos de cooperação e confiabilidade, coragem e esperança, de amor, em suma."

No nosso modo de entender, a Psicanálise é um produto daquilo que chamamos modernidade. Ela acredita que o conhecimento da dor e do terror é necessário para o homem manter seu psiquismo integrado. Acredita que nem o ferimento mais profundo deve deter o fluxo e refluxo da vida. É uma voz que denuncia valores na esperança de construir um homem mais desenvolvido no trato das questões da existência e portanto mais criativo.

Um representante da Psicanálise que retrata o melhor do espírito modernista é Bion. Nascido de pais ingleses, viveu os oito primeiros anos de sua vida na Índia. O clima emocional que cercava sua vida familiar parece ter sido difícil e penoso – o que pode ter contribuído para que ele se interessasse pela Psicanálise. Analisou-se com Klein por oito anos e manteve eterna fidelidade a essa filiação, não obstante o fato de que estão publicadas algumas críticas suas à maneira possessiva dela ser; assim como ressentimentos de que, no período final de sua análise, ela estava mais interessada em comprovar suas teorias do que observar os fenômenos que se passavam diante dela.

Conhecido como o artesão ou o aventureiro kleiniano, alicerçou sua obra em conhecimentos provindos de outras áreas. Portador de licenciatura em História Moderna, mostra um relativo domínio de Lingüística e de Ciências Matemáticas, assim como e principalmente uma densa cultura em Filosofia.

A transmissão do pensamento de Bion é complexa, já que ele tinha intencionalmente o objetivo de colocar seus pensamentos de uma forma não unívoca. Desejava que suas idéias provocassem uma

5. GRINBERG,
L. *New Ideas;
Conflict and
Evolution*. Inst. J.
Psycho - Anal.
50, 1969.

6. JUNQUEIRA
F^º, L. C. U.
*Comentários sobre
o fórum do
Instituto de
Psicanálise de São
Paulo*. 1995.

multiplicidade de associações, que seus conceitos sempre ficassem em aberto, incitando a curiosidade e estimulando a criatividade.

Eu não o conheci pessoalmente. Dizem que era uma pessoa carismática: alto, sisudo, com uma fala que causava impacto. Seu discurso, para os que puderam ouvi-lo, dizem que era cheio de ambigüidades e indefinições. Mas era um discurso, comentam, que tinha a qualidade de deixar espaços abertos, a serem pensados.

Seu estilo causava perplexidade: jamais dava respostas às perguntas feitas. Não era incomum as pessoas terem uma sensação de vertigem ao ouvi-lo. Ele jamais ficava preso ao esquema mental do interlocutor. Estava mais interessado em pesquisar o porquê, os fundamentos da pergunta, do que respondê-la diretamente. Usava parábolas e histórias para argumentar. Dizia:

A resposta é a infelicidade da pergunta.

O juízo é o inimigo da observação.

Escreveu quatorze livros e muitos artigos. Ler Bion provoca irritação: tem-se a impressão de se estar perdendo tempo. Outras vezes ficamos incitados a uma compreensão rápida, a partir de outras teorias psicanalíticas. Exatamente o contrário do que ele pretendia.

Nas suas primeiras obras aparece um pensador extremamente racional, detalhista e lógico. À medida que prosseguimos cronologicamente em seus escritos, encontramos um Bion metafórico. Outras vezes usa os mesmos conceitos de formas variadas, às vezes inteiramente diversas umas das outras. Sua obra final: Trilogia - uma memória para o futuro é escrita em linguagem de ficção e é, na opinião da maioria, absolutamente hermética.

Perplexidade, admiração, confusão e estupidez são vivências frequentes naqueles que lêem Bion.

Trabalhou com pacientes que apresentavam distúrbios do pensamento. Nesse trabalho, foi constatando que as interpretações psicanalíticas vigentes não auxiliavam. Também foi se deparando com suas próprias dificuldades de pensar a Psicanálise tanto no aspecto prático como teórico. Transformou o pensamento no seu tema central de interesse.

Para ele o pensamento é decorrência do fenômeno emocional. É uma forma de lidar com a frustração. Sua gênese é derivada da relação mãe-bebê. Cabe notar que Bion, diferentemente de Klein, deu importância à mãe real e a sua fundamental influência na constituição do psiquismo do bebê.

Para se ter uma noção introdutória do seu pensamento, penso que precisaríamos ter conhecimento de pelo menos dois dos seus escritos: *Volviendo a pensar* (7) e o *Aprender com a experiência* (8).

Em relação ao nosso futuro convidado, Prof. Roosevelt Cassorla e seu artigo: Complexo de Édipo, Vista Grossa, Curiosidade e Catástrofe Psicológica tenho uma sugestão de leitura. O artigo "Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica". Os motivos para recomendá-lo são:

- nele, Bion se refere à importância de alguns conceitos freudianos e kleinianos para o desenvolvimento de sua teoria;
- é um artigo que dispensa um conhecimento anterior de Bion;
- dá subsídios gerais para se compreender o artigo de Cassorla.

Para encerrar, gostaria de contar o que eu entendo que Bion traz como idéia de crescimento mental, que por sua vez é a proposta da modernidade.

Crescimento é um momento de desorganização, para a possibilidade de uma nova organização mental. É quebrar o velho, momentaneamente, para que possa aparecer o novo.

Para exemplificar o que eu entendo dessa idéia, resolvi fazer uma brincadeira. Usei numa experiência emocional recente; dei asas à imaginação e criei um conto.

"NA ÚLTIMA TERÇA - FEIRA"

Durante o nosso último encontro, quando o assunto era o artigo de Cassorla, percebi que tinha se operado em mim uma **mudança catastrófica**. Eu tinha vindo para a reunião **curiosa**: ver as pessoas, conversar sobre o **fazer vista grossa**, falar de Bion, pôr as fofocas em dia.

Nossa conversa terminou e meu estado emocional era outro. Fiquei **turbulenta** e mentalmente desorganizada.

Registrava preocupação e medo em relação ao nosso próximo encontro – o de hoje. Eu ocuparia um lugar que, de repente, era impossível. Tomada por uma sensação de incompetência, o meu primeiro movimento era tentar me livrar da tarefa.

Ficar doente... parecia uma solução rápida e prática. Afinal o grupo de discussão só sairia lucrando. Chamariam uma pessoa mais competente.

7. BION, W. R.
Volviendo a Pensar.
Paidoz, 1985.

8. BION, W. R. O
aprender com a
experiência. Zahar,
1966.

Logo uma lista de cinco pessoas que poderiam me substituir me veio à cabeça. Estava completamente *perseguida*. Eu tinha me deslocado para um território *esquizoparanóide*.

Mas a passagem para o corpo não é tão fácil assim. Procurava sinais de gripe... nada. A única coisa que estava rateando ultimamente era o grau dos meus óculos.

Fui para casa. Hora de dormir e eu estava sem sono. Já que eu não estava doente – pelo menos não fisicamente –, tinha que tentar sair daquele território mental pantanoso. Reli rapidamente o artigo de Cassorla. Fui tomada pela *idéia arrogante* de que eu estava diante de uma oportunidade única: tinha o *dever narcísico* de convencer o grupo todo a gostar do artigo e de Bion.

Minha situação psíquica piorava. Entre fascinada e angustiada, me perguntava: como levar a cabo essa tarefa de deuses? Impossível.

Fiquei com ódio. Juro que nunca mais me deixo seduzir por um convite institucional. Alguém, por favor, socorro! Tomem o meu lugar que eu só sou uma *curiosa*.

Invadida por uma sensação de desespero e desamparo, estava disposta a *tomar como salvador* o primeiro que me desse uma chance de sair dessa enrascada.

Na minha solidão, ninguém me ouvia. Seria o caso de *fazer vista grossa* para o impacto do que eu estava vivendo? A solução... era tentar outro movimento. Sair do *sensorial*, tentar substituir a *frustração* por algo que me acalmasse.

Comecei a *devanear*.

***1º objeto de devaneio:** Cassorla.

Formado em uma instituição que foi dominada pela idolatria ao pensamento bioniano; ocupa hoje um lugar hierarquicamente importante nessa mesma instituição. Interessa-se pela *destrutividade* e tem vários artigos escritos sobre esse tema. Dá importância à pesquisa psicanalítica “nacional” e tem a preocupação de tornar Bion mais inteligível e Melaine Klein mais inteligente.

***2º objeto de devaneio:** Bion.

Clínico da psicanálise destemido. Respeitou sua formação kleiniana. Teve o desejo de distinguir melhor *personalidade psicótica e não psicótica*. Se preocupou com a *cientificidade da psicanálise* e com a questão da transmissão da experiência analítica

entre os analistas. Desenvolveu uma teoria difícil, intrigante, indigesta e fascinante.

***3º objeto de devaneio:** o artigo de Cassorla.

Um artigo que pressupõe o conhecimento de alguns conceitos: *identificação projetiva, mudança catastrófica, vínculo K.* (conhecimento). Teoricamente, acrescenta um mecanismo: *fazer vista grossa* à tríade já descrita por Bion (*curiosidade, arrogância e estupidez*) que aparece em pacientes aparentemente neuróticos, que podem funcionar psicoticamente. Em termos práticos, alerta o analista para estar sempre *desperto* e não tentar bancar o sabichão.

Nesse ponto do *devaneio*, adormeci. Acordei na manhã seguinte com o despertador, na hora de sempre. A preocupação da noite anterior estava de novo comigo. Fiquei tão *entretida* com ela que perdi a hora. Lá se foi a minha aula de ginástica. Que pena! Senti raiva de mim, mas a *tolerância* comigo mesma acabou prevalecendo. Afinal de contas, estava se passando comigo um *fenômeno humano*.

Aproveitei os quarenta minutos livres que eu tinha e comeci a escrever este relato. É bom eu tentar dar conta da minha tarefa, *pensei*, senão lá se vai o meu final de semana. E eu quero fazer doce de morango para a minha filha, ir ver o Paulinho da Viola, talvez rever Frankstein, que é um belo tratado sobre o *instinto epistemofílico*.

Ainda bem que hoje eu tenho análise. Quem sabe minha analista me ajuda a voltar para a *posição depressiva*! Mas essa volta, isso eu já sei, *nunca é definitiva*.